

# FICO OU VOU EMBORA? - OS SENTIMENTOS EXPRESSOS POR PROFESSORES DIANTE DA APOSENTADORIA<sup>1</sup>

## SHOULD I STAY OR SHOULD I GO? THE FEELINGS EXPRESSED BY TEACHERS ABOUT THEIR RETIREMENT

Ana Claudia Oliveira Hopf\*

---

### RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar os sentimentos expressos por professores universitários nos últimos anos da profissão, as atitudes em face da ideia da aposentadoria e a desvinculação das responsabilidades assumidas. A amostra foi constituída de 8 professores de Educação Física do sexo masculino. Quanto ao processo de coleta de informações foi realizada a entrevista semi-estruturada. Nos depoimentos foi identificado nos professores um sentimento de satisfação em relação à sua carreira. Nos últimos anos que antecederam a aposentadoria, a postura inicial dos professores ficou voltada à continuidade da profissão; este aspecto, porém, não foi assumido por todos os professores, dessa forma alguns se depararam com a aposentadoria sem ter pensado no que fazer após o afastamento legal da função universitária.

**Palavras-chave:** Profissão docente. Ensino superior. Aposentadoria.

---

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma questão importantíssima na maioria das vezes deixada de lado é o fato de o professor ser considerado alguém que é tratado de maneira genérica. Os sentimentos expressos e a percepção das próprias fraquezas e necessidades do cotidiano são aspectos muito importantes, que criam a necessidade de compreensão mais aprofundada do trabalho docente.

Apesar de a profissão docente, de acordo com Gatti (*apud* OSIECKI, 1998), se apresentar em crise há muito tempo, devido a vários fatores, como a desmotivação pessoal, tensões organizacionais, imposição de uma postura em face da instabilidade e das incertezas, é ainda através do trabalho cotidiano do professor,

que a sociedade, em geral, realimenta-se no ato de garantir a transmissão e a continuidade da experiência humana, pela comunicação, manutenção ou criação e recriação de saberes selecionados numa dada cultura (GATTI, 1996, p. 85).

Mas, mesmo diante de tais dificuldades, esta carreira proporciona um envolvimento muito grande de seus profissionais, o que poderá ocasionar-lhes certa dificuldade em lidar com o aspecto do afastamento deste cotidiano e dos afazeres profissionais, acarretando-lhes algumas consequências na vida pessoal, como, por exemplo, não saber se afastar progressivamente de suas atividades docentes para consagrar mais tempo à si próprios.

O clima de insegurança quanto ao que fazer após esta “interrupção” de sua rotina, chamada de aposentadoria, pode gerar situações preocupantes que vão interferir na imagem do professor, provocando novos medos de uma mudança em que ele não gosta de pensar.

O trabalho, que é o centro principal de interesse das pessoas e também a base de sustentação econômica, condiciona o seu posicionamento em relação à sociedade em que vivem. Krug (1999) exemplifica este fato ressaltando que a escolha das amizades e do local de residência, bem como a participação em grupos, são resultantes das relações geradas pela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Mercômovimento - UFSM/RS

\* Professora. Mestre do Departamento de Educação Física e Desportos da Universidade Regional de Blumenau.

proximidade existente dentro de um grupo profissional.

Mais do que em qualquer outra profissão, os últimos anos de exercício da docência surgem como um desafio em que uma etapa está sendo concluída, surgindo isto como uma prova para avaliar a capacidade de desvinculação das responsabilidades e do ambiente onde as atividades eram desenvolvidas.

Acredita-se na importância da busca desses conhecimentos para que se possa conhecer e compreender a passagem para a inatividade profissional e o (des)apego dos relacionamentos grupais construídos e vividos no trabalho, aspectos estes que envolvem não apenas o conhecimento desta profissão, mas também o surgimento de uma estrutura de vida que assegure a substituição dessas atividades, não sendo, segundo Nóvoa (1992, p. 7)

[...] possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.

Huberman (1993) é um dos autores que se destaca por seus trabalhos acerca do ciclo de vida profissional dos professores, estudando seqüências vividas no exercício dessa profissão e propondo o estudo da evolução deste profissional a partir de etapas ou fases bem marcadas e ligadas a momentos importantes de sua vida pessoal. Para o referido autor, há momentos na trajetória profissional dos professores, existem fases possíveis de identificar no ciclo de vida dos professores, e neste estudo a atenção estará centralizada na fase denominada “desinvestimento na carreira”, situada por Huberman como a última fase dentro carreira.

A postura geral na fase denominada “desinvestimento” é até certo ponto positiva: as pessoas libertam-se, progressivamente, sem o lamentar, do investimento no trabalho, para consagrar mais tempo a si próprias, aos interesses exteriores à escola e a uma vida social de maior reflexão. Ela representa uma fase de recuo e de interiorização no final de carreira, encerrando um processo de desinvestimento nos planos pessoal e institucional, um recuo em

relação às ambições e aos ideais bem presentes no início docente.

Este “descomprometimento” poderá ser vivido pelos professores de forma positiva ou negativa, correspondendo a um “desinvestimento sereno” ou “amargo”. Entretanto, a existência de uma fase distinta de desinvestimento não está claramente demonstrada na investigação levada a cabo especificamente sobre o ensino, o que permite concluir não haver razões para acreditar que os professores, no final de carreira, atuem de forma diferente dos elementos de outras profissões sujeitas, mais ou menos, à mesma evolução fisiológica e às mesmas pressões sociais (supondo-se que as pessoas desinvestem progressivamente, passando para os jovens este espaço).

Levando-se em consideração estes aspectos expostos, surgiu o interesse de compreender os sentimentos expressos pelos professores universitários nos últimos anos da profissão e as atitudes perante a desvinculação das responsabilidades assumidas quando chega a aposentadoria.

Estarão os professores satisfeitos com a forma como conduziram a sua carreira profissional? Conseguiram, no decorrer de sua vida profissional, conciliar a vida pessoal com a vida profissional? Qual a percepção dos professores sobre sua carreira com a chegada da aposentadoria? Estas são algumas questões estruturadas para auxiliar nessa compreensão.

## METODOLOGIA

Com o intuito de compreender como um grupo de professores universitários vivenciou o desinvestimento na sua profissão, voltamos-nos para uma abordagem qualitativa de pesquisa. A amostra deste estudo constou de 8 professores de Educação Física, do sexo masculino, que se encontravam legalmente aposentados do quadro do Ensino Superior. Como procedimento de coleta das informações deste estudo foi realizado um contato com os professores universitários que estivessem aposentados de suas funções. Após a verificação da disponibilidade dos sujeitos em participar da amostra a ser investigada, fornecendo detalhes sobre a sua trajetória profissional, foi aplicada

uma entrevista semi-estruturada, a qual foi gravada em fita k-7. Após as entrevistas serem transcritas, foi realizada a análise interpretativa dos dados de acordo com os objetivos que nortearam a pesquisa.

## ANÁLISE E DESCRIÇÃO DOS DADOS

### Sentimentos perante a profissão

Todos os professores manifestaram que o sentimento que predominou em relação à sua carreira foi o de satisfação. Pode-se observar este sentimento nas expressões de alguns dos professores:

O sentimento que perdura em relação a minha profissão é de satisfação, não me queixo de nada, sempre digo que as operações de diminuir e dividir não fazem parte da minha vida. Na minha profissão só tenho a somar e a multiplicar (P1).

Eu faria tudo de novo. Não me enxergo fazendo outra coisa. Acho que Deus foi muito bondoso para mim quando me deu a oportunidade de ter escolhido a profissão certa. Eu não trabalho, me divirto. Sinto prazer no meu trabalho (P2).

Sinto, hoje, a completa satisfação de minha profissão, porque hoje consigo conviver e falar com as pessoas de uma maneira melhor e mais tranqüila, apoiado em todo o meu passado e vivência como professor, e acho isto fantástico e sinto orgulho porque foi uma carreira em que hoje posso escrevê-la em termos de memorial, em meu currículo, e ela está recheada de prêmios e sanções (P8).

Ao sentimento de satisfação foram associados alguns fatores que concorreram para que tal ocorresse: o gosto de ser professor, o prazer de lidar com uma área de conhecimento que se aprecia, a necessidade de ficar em movimento, orgulho pelas sanções e prêmios conquistados e por poder unir outras áreas que apreciavam, transcendendo a área da Educação Física (psicologia, administração, filosofia,...).

Embora tenham citado a predominância da satisfação em sua carreira, foram observados alguns fatores que interferiram negativamente em sua profissão. Um desses fatores é a recompensa salarial. No momento da escolha profissional o salário não lhes pareceu importante; mas no decorrer dos anos eles começaram a tomar consciência desta dimensão. Apenas no momento em que conquistaram a aposentadoria tiveram os problemas financeiros amenizados pela união dos seus proventos como aposentados com o salário da segunda ocupação. Outros fatores desfavoráveis foram: relações interpessoais negativas com algum colega no local de trabalho; a comparação dos seus ganhos com os auferidos por outras profissões, tendo os professores se posicionado sobre a não-valorização da Educação Física; e o fato de esta ter tomado uma conotação diferenciada quando estes sujeitos passaram a ser professores universitários.

De acordo com Alves (1997, p. 84), a noção de satisfação e insatisfação profissional docente é assim apresentada:

[...] um sentimento e forma de estar positivos dos professores perante a profissão, originados por fatores contextuais e/ou pessoais e exteriorizados pela dedicação, defesa e mesmo felicidade face à mesma. Quando tal sentimento e forma de estar dos professores perante a profissão não se verificam, mercê de fatores de diversa índole, surgindo, por isso, manifestações de sentido contrário, então estamos em presença de insatisfação.

Voltando a atenção à amostra deste estudo, observa-se nos relatos dos professores que todos, com unanimidade, referem grande satisfação em relação à sua profissão. Até mesmo os fatos negativos, como a recompensa salarial e a comparação com outras profissões, foram colocados como pontos dos quais os professores tinham consciência e que esperavam de sua carreira. Demonstraram que o fato de o indivíduo ter a clareza e conhecimento de sua profissão, ou seja, dos prováveis fatores positivos e negativos que poderá encontrar, vem concorrer para a satisfação dentro dessa profissão.

Essa observação vem ao encontro do que foi colocado por Mattos (1994, p. 87), o qual, referindo-se à satisfação no trabalho, afirma que ela é um

resultado ou conseqüência da experiência do indivíduo que trabalha, na relação com seus próprios valores, isto é, o que ele quer e o que ele espera de seu trabalho.

Verifica-se também nessa amostra que o fato de ser “professor universitário” talvez tenha sido um dos pontos mais elevados para quem almeja a carreira docente. De acordo com Lampert (1997), o professor universitário, quando comparado com os docentes de outros níveis de ensino, é um profissional que tem algumas vantagens, entre as quais destaca o salário, a carga horária reduzida, clientela selecionada, *status* profissional.

Diante de todos os acontecimentos colocados por estes professores um ponto recebeu sua atenção: a relação estreita entre a satisfação e o gosto pelo que se faz. Esta relação é que lhes permitiu continuar efetivamente em sua carreira. Pinotti e Ribeiro (1998), quando analisaram a satisfação dentro da carreira docente, observaram que ela está diretamente ligada ao “gostar do que se faz” ou “escolher muito bem a profissão”; ou seja, sentir prazer no que se faz foi o ponto central da satisfação profissional.

### **Conciliação entre a vida pessoal e a vida profissional**

Os professores que tinham esposa e filhos disseram que conciliavam a família com a profissão porque existia uma compreensão, por parte daquela e dos filhos, quanto às ausências e ao tempo de dedicação ao trabalho, pois eram professores que trabalhavam com projetos de extensão e ministravam cursos, inclusive nos finais de semana. Mas através dos depoimentos dos professores, fica claro que o trabalho ocupou a maior parte da vida tanto dos casados quanto dos solteiros.

Dois professores, em seus relatos, expuseram que a conciliação entre a sua profissão e a vida pessoal foi muitas vezes difícil, porque sua tendência foi dedicar-se mais ao trabalho do que à família.

A conciliação entre a minha vida pessoal e a vida profissional foi muitas vezes difícil porque coloquei o trabalho à frente da família e ainda não mudei, porque fico envolvido com a atividade que simplesmente não vejo a hora passar. Me dou conta que isso está ocorrendo há muito tempo, mas parece que a atração que possuo é maior pelo trabalho do que pela família, e isto não é bom. Minha família reclama com toda a razão (P5).

A dissociação entre a pessoa e o professor é algo muito complexo. Há uma certa tendência, e me incluo nela, do homem se dedicar mais aos conhecimentos profissionais em detrimento às questões pessoais. Uma tendência minha é uma dedicação muito grande ao trabalho e às vezes em detrimento às questões pessoais, de aproveitar o tempo livre. Mas também faço um julgamento, se decido pelo trabalho e não pela outra, foi porque já fiz um juízo de valor, e entendo que me satisfaz fazer isto e não aquilo [...], tenho consciência entre este equilíbrio entre o pessoal e o profissional, mas não tenho conseguido, às vezes, resolver. Com relação a minha família às vezes eu tenho consciência, outras vezes tem que vir de fora para verificar o quanto faço de uma coisa ou outra (P6).

Embora as respectivas famílias reclamassem da ausência sentida, estes professores relataram que possuíam consciência disto, mas não conseguiam manter um equilíbrio entre o pessoal e o profissional. Isto tem sido, na opinião deles, uma preocupação permanente, difícil de contornar. Mas existe algo que se tem que deixar claro: estes professores fizeram um julgamento perante as duas dimensões, e a atenção ficou mais voltada para a profissão. Aqui novamente entra o papel assumido pelas esposas, contornando os problemas familiares, sendo flexíveis, mesmo possuindo sua profissão.

Um dos professores cita que a conciliação entre a dimensão pessoal e a profissional foi muito difícil, o que pode ser observado na sua fala:

A relação vida profissional e trabalho hoje é fácil, mas tive momentos que

isto foi muito difícil, em que não consegui ser duas pessoas ao mesmo tempo (professor de Educação Física na Universidade e “X” lá fora), misturei tudo e fui professor de Educação Física dentro da Universidade e lá fora, comia Educação Física, dormia Educação Física, [...] esta fase foi muito conturbada,[...] (P7).

Este professor não conseguiu, nesta fase de sua vida, equilibrar as duas dimensões (pessoal e profissional), e conciliá-las para ele significava ser duas pessoas ao mesmo tempo. Fica evidente a prioridade dada à vida profissional, levando-o a criar alguns problemas familiares para não perder o seu ideal, uma vez que sua esposa desejava o seu envolvimento nos negócios da família e isto implicaria no abandono de sua profissão. Para este professor a profissão era o ponto central da vida. Quando havia algum fator externo que influenciasse negativamente a sua profissão, acontecia o que denominou de separação entre a vida profissional e a pessoal, talvez porque acontecia um certo afastamento seu em relação ao trabalho e ao mesmo tempo uma abertura maior para a vida pessoal.

Um outro aspecto que talvez tenha auxiliado na conciliação dessas duas dimensões (pessoal e profissional) é o fato de esses professores serem do sexo masculino, pois os professores casados tiveram a cooperação de suas famílias e os solteiros tinham a vida facilitada por não terem tal comprometimento. Possivelmente, estes aspectos seriam diferenciados se esses relatos pertencessem a professoras, fato este que se pode observar no estudo de Campos e Betti (1997), que analisaram a influência da vida particular nas carreiras profissionais de quatro professoras de Educação Física aposentadas. Afirmam as autoras que as professoras do referido estudo consideraram como extremamente fortes as influências familiares em sua vida profissional: na escolha profissional, no trato com problemas familiares que intervieram na realização de cursos de aperfeiçoamento e atualização e com situações em que os filhos chegavam a freqüentar o local de trabalho das professoras nos momentos em que tinham que optar entre ministrar aula e ficar com a família. Considerações semelhantes são encontradas no estudo de Betti e Mizukami

(1997), no relato da professora entrevistada que coloca que o nascimento de uma de suas filhas influenciou sua vida profissional, quando tinha a preocupação em terminar rapidamente a aula para voltar para casa.

Conforme Nóvoa (1992, p. 17),

as opções de cada um de nós tem de fazer como professor, cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar,

sendo, segundo o autor, “impossível separar o eu profissional do eu pessoal”. Isto é o que foi sentido pelos professores neste estudo, onde surgiram relatos de profissionais que demonstraram como se permeiam essas duas dimensões.

#### Os últimos anos e a aposentadoria

Estes professores, nos últimos anos que antecederam a aposentadoria, não procuraram libertar-se progressivamente de suas atividades docentes, no intuito de consagrar mais tempo a si próprios. A postura geral não foi de desinvestimento em relação à carreira. As expectativas, nos últimos anos, para a maioria dos professores, estavam voltadas à continuidade de sua profissão. Alguns professores relataram que não haviam pensado no que fazer após a aposentadoria, mas não chegaram a citar o descomprometimento nos anos que antecederam o afastamento legal da função universitária. Porém dois professores citaram a falta muito grande que sentiram da relação entre professor e aluno, como também do ambiente de trabalho, após o afastamento ocorrido com a aposentadoria. Pode-se verificar esta afirmação na fala de um destes professores:

Senti falta da responsabilidade de ter que desempenhar a função de professor. Doeu de levantar de manhã e não ir para a universidade, por isso eu ia seguido à universidade depois que me aposentei, tomava cafézinho, conversava com a turma de alunos que eu ainda conhecia. Depois eu ia uma vez por mês, até que não fui mais (P3).

Foi observado que o percurso final de um dos professores foi marcado por uma quebra de entusiasmo, um descontentamento e uma

amargura em relação aos seus colegas de trabalho e à falta de reconhecimento pelo seu empenho e dedicação dentro da Instituição. Este momento foi colocado por ele como o pior momento vivido dentro de sua profissão, e o que o fez repensar se continuaria a desempenhar a sua profissão em outra instituição depois da aposentadoria.

Quando a aposentadoria chegou na vida desses docentes, eles se encontravam na faixa etária que variava entre 48 e 55 anos de idade, que na interpretação dos próprios professores é uma idade muito jovem para aposentadoria. No momento da entrevista estes professores já estavam aposentados com um tempo que variava de 1 a 6 anos. Apesar de existir uma variação de 6 anos entre a primeira e a última aposentadoria, todos se aposentaram relativamente no mesmo contexto sociopolítico do País de mudanças na lei da Previdência, a qual terminou com a aposentadoria especial para professor do ensino superior, que era de 25 anos de serviço e contribuição para as mulheres e de 30 anos para os homens, e que estabeleceu prazo mínimo de idade vinculado à contribuição, eliminando a aposentadoria integral com vantagens.

Para três professores a aposentadoria chegou de uma forma tranqüila. Trabalharam até a sua aposentadoria sem perspectivar ou planejar o que iriam fazer depois que se afastassem de suas atividades na Universidade. Porém mais tarde, depois que se afastaram de suas funções, sentiram a falta da responsabilidade de desempenhar a função de professor formador. É interessante colocar que, desses professores, um já desempenhava atividades de ensino em um estabelecimento próprio. Acredita-se que este professor não expôs as suas expectativas porque, como ele sempre esteve envolvido com seu estabelecimento, é evidente que permaneceria ligado à atividade.

Para a maior parte da amostra desse estudo a aposentadoria, embora tenha sido uma opção pessoal, chegou precocemente, antecipada por uma pressão externa, representada pela situação política que era vivida no Brasil pelo funcionalismo público. As desvantagens seriam maiores caso permanecessem em seus cargos, o que desencadeou na decisão de aposentar-se. Para esses professores, a aposentadoria chegou no momento em que se encontravam no ponto

mais elevado de suas potencialidades, enquanto pedagogos e pesquisadores. A capacidade de produzir era sentida por eles como estando no seu ápice, e talvez este tenha sido um dos motivos para que o desejo de parar não se manifestasse.

Para os professores, este investimento profissional esteve presente até a aposentadoria e continua depois dela. Quatro dos oito continuam a exercer atividades profissionais relacionadas às de anteriormente, desempenhando a função de professor no ensino superior.

Três professores exercem atividades ligadas à Educação Física, porém em um outro contexto que não o da universidade; e somente um professor encontra-se totalmente desligado de suas atividades profissionais, dedicando mais tempo a si e a sua vida pessoal.

É interessante salientar que os professores que continuam a exercer as atividades docentes em instituições de ensino superior são profissionais que trabalhavam no curso de pós-graduação, os quais tinham como centro de interesse a pesquisa e o ensino. Já os professores que se distanciaram da condição de professores formadores eram professores que possuíam como interesse central, além do ensino, atividades de extensão às quais estavam ligadas atividades mais práticas.

A história de vida das pessoas é um fator muito importante na sua aposentadoria. De acordo com Garcia (1999), para as pessoas que fazem do trabalho o ponto essencial de suas vidas, o fato de aposentar-se pode trazer alguns problemas. Este foi um ponto observado em um dos professores, o qual sempre teve uma relação afetiva com os alunos muito grande, sendo que o melhor momento de sua carreira foi quando estava trabalhando com o aluno. Devido a isto foi o professor que mais sentiu o rompimento desta relação quando se aposentou:

Logo após a minha aposentadoria senti muita falta do contato com o aluno. Acontecia de dormir, sonhar e acordar num desespero pensando que teria que dar aula no dia seguinte e não tinha realizado o planejamento, sentia falta da Universidade, falta do convívio, do grupo. Só que entrando na Universidade hoje, me sinto fora

d'água. Valorizo encontrar um aluno, de cumprimentar, acho que dessa forma plantei alguma coisa. O importante é se aposentar e saber que deixei alguma coisa plantada, do que olhar pra trás e ver que não fiz nada (P4).

Esses acontecimentos na vida deste professor aconteceram pelo fato de que ele não trabalhava apenas porque precisava, mas principalmente porque realizava aquilo de que gostava e em que sentia muito prazer. Mas, como coloca Friedman (*apud* GARCIA, 1999), os rituais de passagem são situações que geram crises, mas seguindo a trilha da história, elas são molas propulsoras do progresso quando se encontram saídas para elas.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora todos saibam que é necessário finalizar a etapa de atividade profissional com a chegada da aposentadoria, não é comum acontecer uma preparação para esta nova fase da vida.

Pode-se verificar que para a maioria destes professores a aposentadoria chegou, como eles próprios referiram, no “ápice da carreira”, no momento em que se sentiam mais seguros e em plena capacidade intelectual, e que se tivessem assumido a inatividade profissional, talvez isto afetasse diretamente a qualidade de vida da

maioria. Este é um sentimento muito comum entre as pessoas que gostam do que fazem, e mais uma vez é ressaltada a importância da escolha profissional e seu reflexo na vida pessoal.

Este aspecto pode ser verificado na fase de desinvestimento amargo no percurso profissional de um professor, o que o fez repensar se continuaria a desempenhar a sua profissão; e um dos fatores determinantes para não desinvestir foi o gosto pela profissão e o orgulho que sentia enquanto professor universitário de Educação Física.

Além deste professor, se observou nos outros uma fase que pudesse ser denominada de desinvestimento, pois estes professores não demonstraram, no final de suas carreiras, afastamento progressivo do investimento no trabalho, o que Huberman (1993) evidencia como um descomprometimento de sua profissão. Ao contrário, estes professores desempenharam as suas funções até a aposentadoria, tanto que não pensaram o que iriam fazer quando esse momento chegasse em sua vida.

Os dados obtidos neste estudo proporcionaram informações relevantes para melhor compreensão de atitudes e sentimentos dos professores universitários nos diferentes momentos de sua vida profissional e forneceram elementos para serem repensados, confirmando alguns fatos e colocando em evidência alguns pontos que são reflexos da especificidade de cada contexto.

---

## SHOULD I STAY OR SHOULD I GO? THE FEELINGS EXPRESSED BY TEACHERS ABOUT THEIR RETIREMENT

### ABSTRACT

This study had as a main point to identify the University teachers feelings expressed in their last years of work. The attitudes the idea of retirement and the disconnect of the responsibility that they're use to. The research was made with eight male Physical Education teachers. The information process was made half-structure interview. Teachers had showed in their depositions satisfaction feelings about their career. Soon teachers continued working and studying but there are some teachers that retired themselves without thinking in what to do after their legal University occupation disconnection.

**Key words:** Teacher occupation. Graduated teaching. Retirement.

---

### REFERÊNCIAS

ALVES, F.C. A (in)satisfação dos professores: estudo de opiniões dos professores do Ensino Secundário do Distrito de Bragança. In: ESTRELA, M. T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997. p. 81-115.

BETTI, I. C. R.; MIZUKAMI, M. G. N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 18-25, dez. 1997.

CAMPOS, I. B.; BETTI, I. C. R. Memória viva: a história de vida de professoras aposentadas como contributo à história pedagógica da Educação Física. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 5., 1999. Alagoas. **Anais...Alagoas**: [s.n.], 1997. p. 522-528.

GARCIA, M. T. G. Auto-imagem na aposentadoria: mito e realidade. **A terceira idade**, São Paulo, ano 10, n. 16, p. 35-45, maio 1999.

GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 85-90, ago. 1996.

- HUBERMAN, M. **The lives of teachers**. Nova Iorque: Teachers College Press, 1993.
- LAMPERT, E. Professor universitário: formação inicial e continuada. **Educação Brasileira**, Brasília, DF, v. 19, n. 38, p. 161-177, jan./jul. 1997.
- LOUREIRO, M. I. O desenvolvimento da carreira dos professores, In ESTRELA, M.T. (Org.). **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Porto Editora, 1997. p. 117-159.
- KRUG, H. N. A aposentadoria e suas implicações na vida do adulto e do idoso. **Caderno Adulto**, Santa Maria, n. 3, p. 146-150, 1999.
- MATTOS, M. G. de. **Vida no trabalho e sofrimento mental do professor de Educação Física da escola municipal**: implicações em seu desempenho e na sua vida pessoal. 1994. Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- MIZUKAMI, M. G. N. Docência, trajetórias pessoais e desenvolvimento profissional. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (Org.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: Ed. da UFSCar, 1996.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992. p.11-30.
- OSIECKI, A. C. V. **Stress ocupacional em professores de licenciatura**. 1998. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1998.
- PINOTTI, E. R.; RIBEIRO, F. D. A profissão docente: um estudo de caso exploratório sobre o professor de matemática no ensino universitário. Uma abordagem pela análise de seu discurso. SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL., 1998, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

Recebido em Agosto de 2002  
Revisado em Outubro de 2002  
Aceito em Novembro de 2002

---

**Endereço para correspondência:** Rua Cruzeiro, n. 55, apt.504 - Vila Nova, Cep.89.035.210 – Blumenau, Santa Catarina – Brasil. E-mail: achopf@furb.br